

AS PRÁTICAS AVALIATIVAS DE TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS-AUTORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Crislainy de Lira Gonçalves¹

Lucinalva A. A. de Almeida²

Este texto se inscreve nas discussões acerca das práticas avaliativas na produção de textos escritos por alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Um dos desafios que os docentes enfrentam no ensino da língua materna corresponde ao processo de produção de textos escritos e, por conseguinte, à avaliação de tais textos. Por vezes, os professores se questionam *como* e *o que* avaliar nos textos escritos pelos estudantes, porém o processo avaliativo é muito mais complexo que isso, visto que avaliar está além de apenas obter informações sobre o que o aluno conseguiu ou não responder em um determinado instrumento avaliativo. Assim, a avaliação ultrapassa o âmbito da informação e adentra ao âmbito da ação, sendo este processo embasado por uma intencionalidade.

Logo, *por que* e *para que* avaliar emergem completando o âmago da avaliação que busca formar produtores de textos, isto porque consideramos que a avaliação não aponta apenas resultados, mas também consiste em mais uma forma de contribuir com a aprendizagem dos alunos. Desta feita, tratando-se da avaliação de textos escritos pelos alunos, entendemos que o modo como o professor avalia tais textos pode contribuir para que os alunos não só adquiram aprendizagens relacionadas à coerência e coesão de um texto, mas, que tornem-se sobretudo leitores e produtores críticos.

Assim, questionamo-nos: Como tem se dado a avaliação dos textos produzidos pelos alunos? Eles se resumem à reprodução de pseudo textos ou apresentam (dentro da realidade dos alunos) um teor crítico? Como o professor, através do processo de ensino-avaliação pode conduzir a produção de textos pelos alunos? Embora não seja nosso propósito responder ou refletir sobre todas estas questões neste trabalho, buscamos discutir teoricamente a problemática que circunda a avaliação e a produção de textos. Para tanto, propomos analisar as contribuições da avaliação formativa no processo de ensino-aprendizagem para a produção dos textos escritos por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para isto, tomamos o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso (ORLANDI, 2013) como lente que permite conceber a análise das produções discursivas em torno da concepção avaliativa que nos fundamenta. Assim, propomos pensar a avaliação da produção de textos escritos a partir dos pressupostos da avaliação formativa, conforme explicitaremos a seguir.

As contribuições da avaliação formativa para a produção de textos escritos

Na intenção de analisar as contribuições da avaliação formativa no processo de ensino-aprendizagem para a produção dos textos escritos, evidenciamos que esta abordagem de avaliação é “concebida como parte natural do processo de ensinar e aprender” (FERNANDES, 2003, p. 102), uma avaliação que “coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes, e tudo o que os alunos adquiriram” (PERRENOUD, 1999, p. 178), uma avaliação que “ultrapassa a perspectiva da

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). Caruaru – PE/Brasil. E-mail: crislainy67@gmail.com.

² Universidade Federal de Pernambuco. Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA) – Caruaru-PE – Brasil. E-mail: nina.ataide@gmail.com.

medição para propor a da descrição e compreensão, aliada a uma abordagem ampla que contempla a utilização de instrumentos e a consideração das estratégias do ensino e da aprendizagem” (PACHECO, 1998, p. 116).

No que se refere às práticas avaliativas, podemos afirmar a partir das contribuições dos estudos de Fernandes (2011), Marinho; Leite; Fernandes (2013) que estas não envolvem apenas a avaliação que os professores desenvolvem, mas, sobretudo, o currículo que estão a seguir/produzir cotidianamente, o que nos leva a entender a avaliação enquanto prática curricular, que possui uma intencionalidade focada na obtenção de informações sobre os processos de ensino-aprendizagem e, por conseguinte, na tomada de decisões e reorganização pedagógica do trabalho dos professores.

Assim, compreendemos que a prática avaliativa não se resume ao ato de identificar os alunos que atingiram um ou outro objetivo proposto pelo currículo, mas, consiste em um fazer intencional, embasado por saberes e que é constituinte de um processo mais amplo que envolve alunos e professores, estando estes na condição de aprendizes. Assim, a avaliação em uma perspectiva formativa possibilita ao professor obter informações centrais e mais qualitativas sobre o que envolve os processos de aprendizagem dos alunos, visto que, conforme afirma Freitas (2009), a “avaliação alimenta o processo dando dicas ao professor e ao aluno sobre o que foi ensinado e aprendido (p. 14).

Deste modo, ao pensarmos a avaliação enquanto processo que envolve professores e alunos, estando inter-relacionada ao currículo-ensino-aprendizagem, percebemos que ela não está restrita à sala de aula, mas, envolve dimensões mais amplas que compõem as políticas educacionais, curriculares e avaliativas, estando estas políticas à serviço de uma concepção e de um ideal de mundo, que visa formar um perfil específico de sujeitos. Neste sentido, ao falar sobre o contexto da sala de aula, Lopes e Macedo (2011) afirmam que este não pode ser entendido fora dos constrangimentos estabelecidos pelas relações de poder reestruturadas, redistribuídas e recriadas pelas políticas (p. 260).

Levando em consideração as influências das políticas nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos professores, salientamos que esta influência não se dá a partir de uma relação linear ou de causa e efeito, visto que compreendemos a partir do Ciclo de Políticas (BALL, 2011) que os contextos de produção e disseminação dos textos políticos estão relacionados ao contexto da prática, no qual as políticas se desenvolvem a partir de disputas e influências outras que não se encerram nos contextos mais amplos. Neste sentido, o contexto da prática se apresenta enquanto campo de produção, visto que neste, os alunos, a comunidade e demais profissionais da educação, dentre eles e, principalmente os professores, tornam-se agentes de influência que interferem no desenvolvimento e resultados previstos pelas políticas.

Desta feita, entendendo que os professores não reproduzem o que está posto pelas políticas, mas que são agentes de influência que agem embasados por suas concepções pedagógicas, coadunamos com Marinho; Fernandes; Leite (2014) ao afirmarem que “[...] as concepções que os professores têm sobre a avaliação da aprendizagem têm subjacente concepções de educação e de currículo que fundamentam as suas práticas” (p. 154). Isso aponta que os professores, através das concepções que embasam as práticas que desenvolvem no contexto micro da sala, influenciam as políticas em seus contextos mais amplos, ao passo que são estas concepções que na prática, se vincula aos processos curriculares de ensino-aprendizagem-avaliação.

Assim, entendendo as influências das concepções dos professores, ressaltamos que tratar da produção de textos na escola implica tratar tanto do que o professor ensina aos alunos como requisitos básicos para a produção de um texto escrito, como do que o professor avalia nesses textos, de tal modo que a forma como se avalia pode oportunizar a construção de novas aprendizagens.

Assim, destacamos que as aprendizagens que se apresentam em um texto escrito por alunos, especificamente alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, não estão relacionadas unicamente à forma como as palavras foram escritas e organizadas, mas, à mensagem que o aluno intencionou transmitir e, mais que isso, a visão de mundo que o levou a formular determinada ideia. Deste modo, destacamos que aliada a esta perspectiva ampliada acerca das múltiplas aprendizagens que podem ser percebidas em um texto produzido pelos alunos, está a concepção que o professor (e não só ele, mas, os demais agentes de influência que atuam no cotidiano escolar) possui acerca da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), isto porque, como estamos tratando de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, levamos em consideração que eles estão em processo de aquisição desse sistema.

Neste sentido, para que a avaliação esteja a serviço da aprendizagem, faz-se antes necessário que o ensino, através de uma relação dialógica, também esteja a serviço da aprendizagem dos alunos. Frente a esta afirmação, poderia se questionar: Como poderia o ensino não estar a serviço da aprendizagem? Para respondermos a esta indagação, precisamos antes definir o que estamos a chamar de ensino e o que estamos a chamar de aprendizagem, isto porque, como afirma Orlandi (2013) as palavras estão imersas em uma polissemia de sentidos que são formulados por diferentes sujeitos, apontando que embora as práticas e concepções dos professores façam parte de um discurso coletivo, estas práticas e concepções também se apoiam em experiências e sentidos que são atribuídos individualmente, visto que assim como Morais (2012), compreendemos que “diferentes professores constroem e reconstróem suas práticas com determinadas singularidades, conforme suas trajetórias de profissionalização” (p. 115).

Frente a isto, destacamos algumas concepções de ensino-aprendizagem. A primeira, em que os professores relacionam a aprendizagem [...] ao ato de reter, guardar, memorizar, armazenar de forma mecânica, passiva e receptiva um considerável acervo cultural (FARIAS, 2009, p. 42), e a segunda, em que os professores compreendem que “o processo de ensino é uma atividade conjunta [...] com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções” (LIBÂNEO, 1994, p. 29). Assim, através destas considerações de Farias e Libâneo, respondemos ao questionamento anterior afirmando que o ensino tanto pode ser direcionado para a aprendizagem, articulando-se, a uma avaliação para as aprendizagens, como pode ser direcionado para a memorização podendo se articular a uma avaliação que propõe a troca de informações entre o que foi ensinado e o que foi aprendido (MÉNDEZ, 2002).

Neste sentido, salientamos que as produções acadêmicas estão a evidenciar que os alunos, ao produzirem textos esperam uma atitude compreensiva, responsiva e ativa do professor, (LEAL, 2003). Isto é, esperam por um retorno dialógico do ato avaliativo, que busca perceber o trabalho textual empreendido pelo *aluno-autor* (COSTA VAL, 2009) para produzir os textos que lhe são solicitados. Isto aponta para a necessidade de uma avaliação embasada por elementos qualitativos que direcionem os alunos para o desenvolvimento de argumentos mais sólidos, elementos ligados à realidade, estabelecendo em suas produções a relação entre as suas múltiplas aprendizagens.

Algumas considerações

Ao discutirmos teoricamente a relação entre currículo-ensino-aprendizagem-avaliação e as suas interconexões com os contextos de influência presentes nas práticas cotidianas dos professores, buscamos compreender como estes, através de suas concepções e práticas influenciam no desenvolvimento dos alunos enquanto produtores de textos escritos. Assim, ao buscarmos analisar as contribuições da avaliação formativa no processo de ensino-

aprendizagem para a produção dos textos escritos por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pudemos perceber que a avaliação em uma perspectiva formativa consiste em buscar nos alunos múltiplas aprendizagens que não se resumem a identificar as ausências dos alunos, mas sobretudo seus avanços. Assim sendo, os textos escritos são uma das formas de interação entre interlocutores, que busca produzir sentidos, o que aponta para a necessidade de avaliar não apenas as palavras escritas enquanto texto no que diz respeito a seus aspectos técnicos, mas, também os sentidos que os alunos pretendem veicular.

Referências

BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA VAL, M. G. et al. **Avaliação do texto escolar: Professor-leitor/Aluno-autor**. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2009.

FARIAS, Maria Sabino de. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. Avaliação escolar: diálogo com os professores. In: SILVA, J. F. et al. (Org.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto alegre: Mediação, 2003.

FERNANDES, Domingos. Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: questões teóricas, práticas e metodológicas. In: ALVES, Maria Palmira; KETELE, Jean-Marie de. **Do Currículo à Avaliação, da Avaliação ao Currículo**. Porto: Porto Editora, 2011.

LEAL, L. F. V. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, M. G.; ROCHA, G. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth Macedo. Contribuições de Stephen Ball para o estudo de políticas de currículo. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARINHO, Paulo; FERNANDES, Preciosa; LEITE, Carlinda. A avaliação da aprendizagem: da pluralidade de enunciações à dualidade de concepções. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 153-164, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/71409/2/91100.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. 2016.

MARINHO, Paulo; LEITE, Carlinda; FERNANDES, Preciosa. A avaliação da aprendizagem: Um ciclo vicioso de 'testinite'. **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 24 (3), p. 304-334, 2013. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1822/1822.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. 2016.

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PACHECO, José. Avaliação da aprendizagem. In ALMEIDA, Leandro; TAVARES, José. (Org.). **Conhecer, aprender e avaliar**. Porto: Porto Editora, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.